

FACULDADE DE TEOLOGIA INTEGRADA - FATIN

WANCY WALLACE MENEZES DE BARROS E SILVA

A REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO CRISTÃO ATUAL

IGARASSU

2023

WANCY WALLACE MENEZES DE BARROS E SILVA

A REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO CRISTÃO ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada – FATIN, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientadora: **Prof^a. Enock Correia de Araújo**

IGARASSU

2023

WANCY WALLACE MENEZES DE BARROS E SILVA

A REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO CRISTÃO ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação no Curso de Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada – FATIN.

Monografia aprovada pela Banca Examinadora do Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade de Teologia Integrada – FATIN

Igarassu, __ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador – Dr Gerson Francisco de Arruda Júnior

2º Examinador - Esp. Enock Correia de Araújo

3º Examinador – Ms Hildeberto Alves da Silva Junior

AGRADECIMENTOS

Reservo este primeiro espaço de agradecimentos a Deus, o Senhor. Por meio de Sua Obra tudo o que foi feito se fez. É muito bom saber que temos O Senhor para confiar e que toda sabedoria vem dEle.

Agradeço ainda a minha esposa, Rafaela Menezes da Silva Reis, por todo apoio na caminhada. Assim como eu, ela também está em período de conclusão de graduação, e também enfrentou todos os desafios desta caminhada.

Ao meu filho, Carlos Eduardo Menezes Reis, que sempre que eu ou sua mãe pensamos nele, nos alegamos e nos motivamos a avançar. Ele é, sem dúvidas, um presente de Deus. É incrível tê-lo conosco.

Agradeço ainda a meus pais e meus sogros, pessoas que pudemos contar durante toda a graduação. Com o nascimento do nosso filho, eles nos ajudaram sempre que precisamos para que pudéssemos desenvolver melhor nosso trabalho. Eles são incríveis, indescritíveis e sem eles esta jornada teria sido mais difícil.

EPÍGRAFE

“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.” Oséias 6:3

RESUMO

A Reforma Protestante gerou no mundo grande mudança de mentalidade, onde passou a existir liberdade de pensamento e crença. Tal episódio teve como pano de fundo filosófico a Bíblia. Nesse sentido, trouxemos como objetivo mostrar a Bíblia como principal e necessária na liberdade de variados pensamentos gerada pela Reforma Protestante. Através do método qualitativo, foi analisada a mudança na mentalidade gerada através da Reforma Protestante, graças a este pano de fundo filosófico da Bíblia e os reflexos de tais modificações no período Pós Reforma. Desse modo, é de suma importância entender as ideias trazidas pela Bíblia Sagrada para a Reforma Protestante e sua importância no Período Pós Reforma.

Palavras-chaves: Reforma Protestante. Bíblia. Pensamento cristão atual.

ABSTRACT

The Protestant Reformation generated a great change of mentality in the world, where freedom of thought and belief began to exist. This episode had the Bible as a philosophical background. In this sense, we aimed to show the Bible as main and necessary in the freedom of various thoughts generated by the Protestant Reformation. Through the qualitative method, the change in mentality generated through the Protestant Reformation was analyzed, thanks to this philosophical background of the Bible and the reflexes of such changes in the Post Reformation period. Thus, it is extremely important to understand the ideas brought by the Holy Bible to the Protestant Reformation and its importance in the PostReformation Period.

Keywords: Protestant reformation. Bible. Current christian thought

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1 AUSÊNCIA DE LIBERDADE NO PERÍODO PRÉ- REFORMA.....	12
2.2 A IDADE MODERNA.....	19
2.3 A MOBILIDADE SOCIAL E A IDADE MODERNA.....	23
2.4 A BÍBLIA E O PENSAMENTO DA REFORMA PROTESTANTE.....	25
2.5 A REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO CRISTÃO ATUAL.....	27
3 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Os textos bíblicos sempre estiveram presentes na história da humanidade, sendo, por variadas vezes, importantíssimos nos avanços históricos nas mais variadas áreas e contextos da sociedade. É sabido que o cânon, com 66(sessenta e seis) livros, na Bíblia evangélica ou com 73(setenta e três), na católica, levaram um tempo para serem compilados. Tais livros foram escritos em intervalo de aproximadamente 1.500 (mil e quinhentos anos) e ainda passaram mais 200 (duzentos) anos, aproximadamente, para serem compilados. Isso se tratando do cânone protestante. Contudo, mesmo após isso, continuou-se a discussão sobre a canonicidade dos outros 7 (sete) livros. Desse modo, para este trabalho será considerado o cânon protestante, visto que seus livros também são considerados canônicos para o catolicismo, restando assim, diferenças quanto a canonicidade apenas nos 7(sete) livros a mais que são considerados canônicos pelos católicos. Sendo assim, os 66(sessenta e seis) considerados canônicos pelos protestantes passam a ser mais incontestes.

Quando Abraão foi chamado por Deus, vivia em Ur dos Caldeus, na região da Mesopotâmia. Os mesopotâmicos, assim como o restante do mundo, eram politeístas. Esse episódio, por si só, já gerou importantes mudanças históricas. Dele surgiu o monoteísmo (crença num único Deus), bem como as modificações geográficas, por sua expedição para a terra que Deus o mostraria, como diz Gênese 12:1, como também as modificações sociais daquele contexto, visto que Abraão tornou-se rico e dono de muitas terras. Tudo isso foram modificações que a crença em Deus gerou no mundo num primeiro momento. Entretanto, as modificações não pararam mais, tendo esta crença gerado grandes avanços mais recentes que os apontados acima, como a grande ampliação da mobilidade social e financeira, no Século XVI, a abolição da escravidão na Inglaterra, no fim do Século XIX, com os debates levantados por William Wilberforce. Esta abolição influenciou o restante do Ocidente neste mesmo sentido. A própria luta por direitos dos animais, tão tratada atualmente, já era pauta de debates entre os cristãos ingleses do Século XVIII. Já no Século XX, o pastor Martin Luther King Júnior, foi mais um nome importante na luta pela igualdade racial, nos Estados Unidos da América.

No entanto, um dos mais inquestionáveis momentos da historicidade humana em que a Bíblia Sagrada foi extremamente atuante foi o fim da Idade Média e início da Idade Moderna, com a Reforma Protestante. Esse marco trouxe profundas mudanças na sociedade, não só no que tange a teologia da época, mas a própria vida civil, devido aos pensamentos trazidos por ela. Antes da Reforma, expor ideias contrárias ao sistema dominante seria como um “atestado de óbito”. É de bastante sapiência a mortandade nas fogueiras medievais, bem como os vários episódios de torturas promovidas pelos dominantes daquele período histórico. Sem a Reforma Protestante, todos os exemplos já citados de impactos positivos que o cristianismo fundado nas Escrituras gerou na sociedade, além de tantos outros que existiram, teriam mais dificuldade de ocorrer.

A Reforma foi regida pelo desejo de realinhar o pensamento teológico daquele momento com a Bíblia, gerando liberdade de pensamento e de crença. Esta luta gerou frutos que se verificam no Período Pós Reforma não só no contexto religioso, mas nas mais variadas áreas da sociedade, como já citados alguns exemplos acima. Agora não há a obrigatoriedade de seguir um único pensamento, mas vê-se as mais diversas ideias, a ponto de surgirem até concepções contrárias a própria Bíblia. Assim sendo, faz-se extremamente necessário o bom conhecimento teológico para se evitar distorções nesta crença que já se mostrou tão importante para a História da sociedade. Isso tudo sem nem considerar a própria base da fé cristã, que é a vida eterna em Cristo. Sob este aspecto é que, mais ainda, é necessário ter cautela no estudo do Texto Sagrado, para se evitar que tal liberdade fuja da própria concepção do texto, passando a ser as ideias do leitor, não as do Texto. Mas, sejam as ideias contrárias a Bíblia ou não, é fato que a liberdade de pensamento e de crença que a Bíblia, através da Reforma Protestante trouxe luz para o mundo, permitindo este pensar, o avançar de ideais e debates nos mais variados âmbitos da sociedade.

Com o conhecimento do acima informado, passa-se a fazer algumas indagações: O que foi a Reforma Protestante? Como pensava a sociedade daquele período? Que mudanças tal episódio gerou no mundo? Quais os desdobramentos da Reforma? Quem foram seus líderes e o que os motivava? Quais os legados da Reforma Protestante? Como o cristão do início do Século XXI tem sido influenciado pelo pensamento dos reformadores? Os protestantes estão se desvenciliando de

tais pensamentos ou os seguem à risca? O que esperar de futuro para o protestantismo e para o cristianismo com base no marco que foi a Reforma Protestante e no desenrolar da história até a atualidade? Há um papel do protestante na manutenção das questões da Reforma ou são apenas questões históricas e ultrapassadas? Essas e tantas outras indagações precisam ser feitas, de modo a se buscar respostas para facilitar o futuro e evitar erros do passado, ou ainda para se corrigir o que já foi correto e se modificou em algum momento. Tais indagações motivaram esta pesquisa acadêmica e permearão seu texto.

Para a produção desta pesquisa, onde se verifica a relação entre o pensamento da Reforma Protestante e a visão do cristão atual, com suas facilidades e também dificuldades próprios do período histórico em que se encontra, objetivou-se demonstrar a Bíblia como livro totalmente necessário para não apenas a Reforma Protestante, mas para todo o desdobramento que as liberdades alcançadas naquele período histórico gerou. Para tal, utilizou o autor do método qualitativo, sendo observada a mudança na mentalidade gerada através da Reforma Protestante. O autor se debruçou ainda sobre o que pensa o cristão atual e como as ideias da Reforma Protestante o influenciam, deveriam ou deixaram de influenciar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 AUSÊNCIA DE LIBERDADE NO PERÍODO PRÉ REFORMA

Majoritariamente, a história da humanidade, em brevíssimas palavras, divide-se em Pré História, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea. Tal divisão, se dá, em linha temporal, da seguinte forma:

Pré História: Período anterior à escrita. O homem já vivia em comunidade. Foi neste período que dominou o fogo, iniciou a domesticação de animais, a agricultura entre outros;

Idade Antiga: Em aproximadamente 4.000 a.C., surgiu a escrita. Este marco produziu maior velocidade de comunicação e interação. Neste período encontram-se a civilização egípcia, grega, mesopotâmica, hebraica, fenícia, persa, mais recentemente a romana. Ou seja, foi um período em que grandes impérios

surgiram.

Idade Média: Inicia-se no Século V e segue até o Século XV. A Reforma Protestante ocorreu no Século XVI, no início da Idade Moderna. O Período Medieval, datado dos Séculos V a XV, foi marcado, no âmbito da liberdade de pensamento e de crença, pela ausência de liberdade. O termo “Idade Média”, provavelmente iniciou-se com o bispo Giovanni Andrea Bussi(1417-1475), com relatos do uso do termo “Media tempestas”. Posteriormente, já no Século XVI, com o chamado Renascimento, um dos frutos da Reforma Protestante, este termo passou a ser largamente usado, com cunho pejorativo em relação àquele período histórico. Outros termos também foram utilizados, como “Idade das Trevas”. Como se sabe, a chamada Idade Média foi marcada pela ausência de liberdade de pensamento e de crença. Neste período, pensamentos contrários ao sistema dominante foram taxados, muitas vezes, de bruxaria, e apenado com torturas ou até morte em fogueiras, com a “Santa Inquisição”. Não existia a ideia de várias igrejas, com pensamentos diferentes, como na atualidade. Naquele período ser cristão era sinônimo de ser católico. O poder da Igreja católica era tamanho a ponto dela se confundir, por vezes com o próprio Estado. Sendo o Estado daquele período absolutista, ser um com ele significava ser detentor de demasiado poder. Rezava a máxima “Rex Lex”, ou seja “O Rei é a Lei”. Desse modo, o que o rei falava era tido como verdade inquestionável. Nessa mistura entre a instituição religiosa da época e o Estado, entendia-se que a palavra do rei era a palavra do próprio Deus, portanto inerrante, e contrariar tal poder poderia soar como heresia ou bruxaria. Os absurdos deste período eram contrários aos ensinamentos bíblicos. Isso afetou inclusive, as artes, as ciências. Foi o chamado Renascimento. Ademais, a divisão da sociedade medieval é outro ponto característico deste período, dividido entre nobreza, clero e camponeses, como segue: “O domínio da fé é uno, mas há um triplo estatuto na Ordem. A lei humana impõe duas condições: o nobre e o servo não estão submetidos ao mesmo regime. Os guerreiros são protetores das igrejas. Eles defendem os poderosos e os fracos, protegem todo mundo, inclusive a si próprios. Os servos, por sua vez, têm outra condição. Esta raça de infelizes não tem nada sem sofrimento. Fornecer a todos alimentos e vestimenta: eia a função do servo. A casa de Deus, que parece una, é portanto tripla: uns rezam, outros combatem e outros trabalham. Todos os três formam um conjunto e não se

separam: a obra de uns permite o trabalho dos outros dois e cada qual por sua vez presta seu apoio aos outros.”².

Esta problemática da liberdade no medievalismo é, por vezes, atrelada a questão religiosa. Contudo, a questão é muito mais ampla. Obviamente, nessas linhas, o maior enfoque será dado ao ponto da religião, mas não se pode desvincular este único ponto de toda a filosofia do período. Assim, inevitavelmente, se faria uma análise rasa que poderia gerar mais confusão do que entendimento, afinal, assim como as visões religiosas atuais interferem e são interferidas pela sociedade o mesmo sempre ocorreu ao longo da história, inclusive durante a Idade Média.

Já dizia Aristóteles, no Século IV a.C., que “A liberdade é a capacidade de decidir-se a si mesmo para um determinado agir ou sua omissão”. Assim sendo, liberdade é capacidade de escolha entre possibilidades. Esta escolha voluntária é o que se chama de liberdade.

Para se compreender a visão predominante durante o medievalismo, é relevante retroceder ainda mais no tempo, visto que a Idade Média é o fruto do fim da Idade Antiga. Assim sendo, entender o contexto desta facilita no entendimento do daquela.

Na chamada Antiguidade Clássica, ou Período Grego, três termos elucidavam a questão da liberdade, *eleutheria*, *enkrateia* e *autarkéia*. Eram concepções diferentes acerca do tema. *Eleutheria* era um estatuto sociopolítico que divide a sociedade em cidadãos e escravos. Para FARIAS (1995, p. 174), este pensamento entendia que a liberdade é intrínseca ligada ao poder político e a lei. Assim, a defesa da lei é a defesa da liberdade, não havendo oposição entre esses dois conceitos. Ambas se sustentam mutuamente. Para Aristóteles, citado por FARIAS (1995, p.174), “[...] é livre não aquele que vive sem leis ou contra a lei, mas aquele que vive de acordo com as leis que ele mesmo elaborou, ou às quais dá seu assentimento livre”. Sob este pensamento, ser livre é viver dentro dos limites da lei. Já RABUSKE (1986, p. 89), afirma que: “Ato livre é o ato realizado com consciência e por vontade própria [...] e não sob coação”. Este pensamento se contrapõe ao anterior. Aqui, liberdade é individual e não apenas legal. Quem defende este pensamento entende que a liberdade ligada estritamente à lei não oferece ao homem escolhas, assim sendo, ferindo a própria ideia central de liberdade e assim

sendo, não oferece realização ao homem.

Já Enkrateia significa poder, domínio. Enkrateia é o domínio do homem sobre suas paixões, suas escolhas. Aqui se trata de autoconhecimento. Esta concepção dificulta que um grupo social domine sobre o outro, visto que entende liberdade como individual. Isso fez a eleutheria desvalorizar. SÓCRATES, em citação de FARIAS (1995, p. 177), ressalta: “Que mesmo o cidadão livre (eleutheros) pode ser escravo, se não tiver desenvolvido a condição de qualquer virtude, a enkrateia”. A liberdade interior não significa estar alheio à lei exterior. A enkrateia inclui o homem a obedecer à lei, e esse através do autoconhecimento orienta-se em suas opções. Na Grécia antiga ainda existia um outro pensamento acerca da liberdade, a autarkéia. Aqui se liga o pensamento do homem com as interações com o mundo. Aqui se busca a felicidade, a plenitude. Esses três pensamentos juntos levam ao pensamento de Aristóteles, quando dizia que “todas as coisas estão ordenadas de algum modo”. Este pensamento entende que todas as coisas estão correlacionadas e apontam para um fim. Desse modo, não há possibilidade do indivíduo agir por acaso, visto que tudo é orientado pelo princípio primeiro em que todas as coisas se originam. O cristianismo entende que Deus está no controle de todas as coisas. Que mesmo havendo liberdade de pensamento, esta não consegue ser superior à soberania de Deus.

O pensamento grego foi a base de toda a filosofia da Idade Antiga, influenciando até os dias atuais. Roma adotou a filosofia helenista(grega) e esta se espalhou ainda mais pelo mundo. Com o desdobramento da Idade Antiga veio não somente a ascensão do Império Romano, havendo a conversão de Constantino ao cristianismo em 312 d.C., gerando o aumento exponencial da fé cristã. Contudo, posteriormente também houve a queda do Império Romano, no Século V, com as várias invasões dos povos germânicos. Em 476 d.C., caiu o último imperador romano, encerrando-se assim a Idade Antiga.

Com o fim deste período histórico, iniciou-se a Idade Média. Esses vários povos tinham suas próprias culturas e crenças. Com o passar dos anos, a Europa, agora bem dividida, começou a ganhar novas concepções geográficas, com as novas formações de Reinos. Contudo, assim como Roma abraçou a cultura grega, na Idade Antiga, os vários povos agora ocupantes do espaço europeu também não só herdaram questões a cultura e a religião de Roma, mas fizeram questão de

recebê-las, visto que esses pareciam ser mais interessantes, mais admirados e mais desenvolvidos que os próprios dos povos. Neste contexto, o cristianismo romano não sucumbiu junto ao império de Roma, ao contrário, se fortaleceu muito mais. Do cristianismo se derivou a ideia de teocentrismo. Deus deveria ser o centro de todas as coisas. Mais importante que as questões pessoais seriam as divinas, devendo essas sempre ocupado lugar de destaque. Isso inevitavelmente tocou o ponto da liberdade, visto que se questionava sobre qual o destino final do ser humano ou ainda se o homem era de fato livre. São Tomás fazia os seguintes questionamentos: “Será livre a vontade humana? A escolha do homem obedecerá a alguma força necessária?” AQUINO (1947, p. 340-341), responde afirmando que o homem não escolhe de modo necessário, e dá a razão: Quando é possível que uma coisa não seja, não é necessário que ela seja; ora é possível ao homem escolher ou não. Em virtude de um duplo poder que lhe é próprio, pode, com efeito, querer ou não querer, atuar ou não atuar [...] isso resulta do próprio poder da razão. Para tudo o que esta possa considerar bom, pode tender à vontade. Ora, a razão pode considerar não só querer e atuar, mas também não querer e nem atuar. Além disso, em todos os bens particulares submetidos ao seu juízo, pode-se prender ao que os torna bons ou ao que lhes falta para isso, e os torna, portanto maus; [...] só o bem perfeito, no qual a beatitude consiste, não oferece a razão de nenhum vestígio de mal, o que explica que o homem queira necessariamente a beatitude e não possa querer ser infeliz. A natureza humana tem sua vontade determinada por uma natureza superior, e é natural que o homem tenda a sua vontade ao Bem Supremo. AMEAL (1947, p. 429), ressalta: “A vontade humana só não é livre quanto ao Bem Supremo, ou melhor: quanto à própria essência do bem que está em Deus. Como, no entanto, a vontade humana encontra, no mundo em que vive e atua apenas bens deficientes, secundários, participados e nunca o bem em si, o Bem Divino”.

Como dito supra, a sociedade medieval era teocentrista. Mas isso trouxe alguns problemas. Entre o fim do Séc. IV e o início do Séc. V, a Bíblia foi traduzida para o latim. Foi a chamada Vulgata Latina. Não existindo outras traduções para as línguas locais, só quem entendia o que estava escrito era o clero. Assim sendo, se a Bíblia é a Palavra de Deus e Deus está acima de todas as coisas, bem como que só a igreja conhecia a vontade do Senhor, significando num poder gigantesco para

a igreja. Atrelado a isso, o período medieval ainda foi marcado pelo absolutismo estatal. O estado era absoluto. Detentor de todo o poder. Chegava até a ter poder sobre quem vive e quem morre no reino. A igreja se fundiu a este estado super poderoso, tornando-se junto com o estado, as instituições mais poderosas deste período.

A questão a ser enfrentada aqui é se haviam limites para este poder estatal e da igreja. Até onde a liberdade dos cidadãos estaria abaixo da supremacia divina, que, na prática, a igreja diria como pensa Deus. Aqui há importante debate acerca da liberdade humana. Para Santo Tomás, a liberdade finda-se com a inteligência e a vontade, que são complementares. A inteligência é a causa do livre-arbítrio e a vontade é a representação do livre-arbítrio e não do sujeito, a inteligência caracteriza-se pela emissão juízos e a vontade, pela escolha que efetua. AQUINO (1947, p. 316- 318), reafirma: O homem tem livre-arbítrio; do contrário seriam inúteis os conselhos, as exortações, os preceitos, as proibições e as penas. E isto se evidencia considerando que certos seres agem sem discernimento; como a pedra que cai, e semelhante a todos os seres sem discernimento. Outros, porém agem com discernimento, mas não livre como os brutos. Assim a ovelha vendo, o lobo discerne que deve fugir, por discernimento natural, mas não livre porque esse não provém de uma reflexão, mas de um instinto natural. O homem, porém age com discernimento, pois pela virtude cognoscitiva, discerne que deve evitar ou buscar alguma coisa. Mas, esse discernimento não provem de um instinto natural, mas de uma reflexão racional. Pois a razão, relativamente às coisas contingentes, pode decidir entre dois termos opostos [...] o homem tem livre-arbítrio pelo fato de ser racional. O livre-arbítrio é causa de seu movimento. Logo pelo livre-arbítrio, o homem move-se por si. Ressalta que é livre aquilo que é causa de si próprio. AMEAL (1947, p. 434), destaca: “É Deus a primeira causa que dá o movimento às causas naturais e as voluntárias, e assim como movendo às causas naturais, não faz com que os atos não sejam naturais, e ao mover as causas voluntárias, não priva seus atos da modalidade voluntária, antes a realiza neles”. Perante essa reflexão questiona-se, o que significa dizer que um ato humano é bom? TOMÁS citado por AMEAL (1947, p. 436), considera que: A diferença do bem e do mal, considerada em relação aos objetos dos atos humanos, define-se pela conveniência ou não conveniência deste com razão; de fato chamam-se atos

humanos ou morais os que procedem da razão. No entanto, há um motivo que torna a razão grande reguladora dos nossos atos e faz que por ela se meça sua bondade: é que a razão humana ocupa um simples lugar de causa segunda, e a causa primeira é a Lei Eterna, idêntica a Razão Divina. Para que um ato seja bom tem de estar em conformidade com a Lei Divina e com a ordem racional [...] a bondade da vontade diz respeito à intenção que diz respeito ao fim, ora o Fim Último da vontade humana no Bem Supremo, que é Deus, portanto para a vontade humana ser boa requer que Deus seja o fim. Para Tomás, portanto a liberdade consiste na condição mediadora do ser racional em dirigir-se por si ao Fim Ultimo, e evitar aquilo que possa o desvencilhar desse objetivo. AMEAL (1947, p. 440), menciona: A verdadeira liberdade humana não é um fim, é um meio- um meio cujo valor ético depende do fim visado. E a nobreza do ser racional consiste em usar essa liberdade de maneira a convertê-la em instrumento do próprio resgate e da conquista da beatitude, em servir a Deus que o criou, e em modelar-se por suas ações. O seu destino está ordenado pelo seu criador.

Esta soma de a vontade de Deus ser soberana e apenas um grupo dizer a todo o povo que vontade seria esta, tornou a liberdade da população condicionada ao que a igreja afirmava. O problema era como saber se a igreja de fato estaria sendo porta-voz de Deus, se só ela tinha acesso à Bíblia? Estava a igreja assentada sob um trono de super poderes, cada vez mais poderosa e cada vez mais falando o que não era bíblico, de fato. Assim sendo, ela tomou para si a autoridade e o poder divinos. Neste contexto, o Papa Inocêncio II, em 1139, instituiu o inquisidor, que era um investigador que verificava desvios da fé e poderia aplicar penas, neste caso. Surge, a partir disso, a tão falada, Santa Inquisição, que sob o argumento de luta contra os desvios da fé, serviu, por vezes, como abuso de poder. Isso afetou a liberdade neste período histórico, pois crer em algo diferente do que a igreja pregava era perigoso. Ao mesmo tempo, contrariar o poder político também se tornou também arriscado. Este ambiente de pouca liberdade se dava não só no campo das pregações, mas também no campo social, onde as pessoas tinham grande dificuldade de ascender socialmente, visto que tinham nascido num determinado contexto social e muito provavelmente seguiriam nele para sempre.

2.2 A IDADE MODERNA

De posse das informações atinentes a Idade Média, o próximo período a ser tratado é o da Idade Moderna. Esta, iniciou-se no Século XV. Este período findou a Idade Média, formando uma sociedade completamente nova. Agora, não mais Deus era o centro de todas as coisas, mas o homem. Trocou-se o teocentrismo pelo antropocentrismo. Desse modo, a liberdade ganhou espaço, mas com o viés antropocêntrico, contrariando os pensamentos postos até então no mundo. Passou-se a negar o que transcende a matéria, em detrimento das visões sobre Deus. Não necessariamente tudo ou todos neste período eram ateus. Inclusive o ateísmo nem era maioria, mas inegavelmente, este antropocentrismo preparou o terreno para o materialismo histórico, este sim negando toda a ideia que transcende a matéria, tendo visão ateísta. Este caminho que a Idade Moderna tomou, teve sentido oposto ao da Idade Média. Todavia, não deixaram de existir grandes pensadores com viés teísta, como por exemplo René Descartes (1596-1650). Em sua obra “Discurso do Método”, traça uma discussão acerca da existência de Deus. Para Descartes, a existência de Deus é uma premissa para a existência do próprio ser humano como substância pensante. Vem de Descartes os chamados “argumentos ontológicos” da existência de Deus. Resumidamente, defendia Descartes que o pensamento existe. Pensar em algo já demonstra a existência do pensamento. É possível pensar em Deus, um ser perfeito. É possível pensar na perfeição. Só é possível entender a imperfeição tomando como base a perfeição. Logo, para existir a imperfeição é necessário que a perfeição exista. Deus é a perfeição. Os seres humanos são imperfeitos, logo, só podem existir como criação de um ser perfeito, pois o maior pode criar o menor, não o inverso.

Este tipo de raciocínio, por si, já demonstra grande pensar acerca de Deus. Esta liberdade do pensar, inclusive em assuntos religiosos, foi a marca da Idade Moderna. O próprio Descartes indagou sobre o que seria a liberdade de espírito. Ele, citado por BEYSSADE(1972. p. 99), citado por BEYSSADE (1972. p. 99), responde, “... é o ato de querer de tal modo que não sentimos que algo nos impede de querer exatamente ao contrário”. Assim sendo, não se pode afirmar que o homem não é livre. A liberdade consiste em poder fazer uma coisa ou não fazer, afirmar ou negar, a liberdade é agir de tal maneira que não seja coagido por forças

exteriores. Ser livre não é ser indiferente, mas escolher. A questão da liberdade abordada por Descartes está contida na quarta meditação. COTTINGHAM (1986, p. 205), destaca que a liberdade: Não consiste num poder qualquer contra-causal de aceitar ou rejeitar uma proposição, mas num impulso espontâneo e irresistível para sancionar o que o intelecto reconhece com tanta clareza e distinção que mais nenhuma via é possível [...] quando nossas percepções não são claras, nós não fazemos bom uso da nossa liberdade [...] a verdadeira liberdade para Descartes poderá ser conseguida se procurarmos uma percepção tão clara e distinta que uma das duas alternativas propostas cessa de existir. Para Thomas Hobbes (1588-1679), a concepção de liberdade, está ligada ao Estado, localiza-se dentro do Estado. Hobbes destaca que os indivíduos, a partir da própria necessidade, instituíram o Estado, e assim tornaram-se súditos de um soberano. HOBBS citado por WOLLMANN (1994, p. 77), afirma que há duas concepções de Estado: o estado de natureza que é um estado de liberdade completa, porém inseguro; e o Estado civil, que ao contrário do natural, limita a liberdade natural, deixando mínimas as possibilidades efetivas de liberdade, mas que possui a paz e a segurança. Sendo assim, o Estado civil é a negação do estado de natureza. Portanto, a liberdade tratada dentro do Estado civil está ligada de forma intrínseca à obediência dos súditos ao soberano. HOBBS (1988, p. 129), define que: Liberdade significa, em sentido próprio, a ausência de oposição (entendendo por oposição os impedimentos externos do movimento); e não se aplica menos às criaturas irracionais e inanimadas do que às racionais. Porque de tudo o que estiver amarrado de modo a não poder mover-se senão dentro de um espaço, sendo esse espaço determinado pela oposição de algum corpo externo, dizemos que não tem liberdade de ir mais além. E o mesmo se passa com todas as criaturas vivas, quando se encontram presas ou limitadas por paredes ou cadeias; e também as águas quando são contidas por diques ou canais, e se assim não fossem se espalhariam por um espaço maior, costumamos dizer que não têm liberdade de se mover de maneira que fariam se não fossem os impedimentos externos [...] conforme a este significado próprio e geralmente aceito da palavra, um homem livre é aquele que, naquelas coisas que graças a sua força e engenho é capaz de fazer, não é impedido de fazer o que tem vontade de fazer. A liberdade é definida como ausência de oposição. O homem para ser livre não pode ser impedido de fazer o

que tem vontade, conforme suas capacidades. Nesse sentido a liberdade só é possível dentro do estado natural, onde é regido pelo direito natural, assim a plena liberdade encontra-se no estado natural. A liberdade entendida como ausência de impedimentos, ocorre somente no estado natural. Mas se a liberdade é o desejo que todos têm, porque a necessidade de limitá-la restringi-a ao Estado civil? O direito de natureza é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder para preservar a si mesmo, sua vida, e fazer tudo aquilo que o julgamento da razão lhe indica como necessário para chegar ao seu fim. O direito de natureza só é no estado de natureza. O uso incondicional da liberdade, é também causa de guerras e conflitos, pois pelo direito natural, o homem tem direito de usar todos os meios para defesa própria. Para Hobbes o homem que possui a liberdade é o animal mais selvagem, pois anseia sempre mais, e não contenta-se com o que tem. Sendo assim, urge a necessidade de condicionar a liberdade que era incondicionada. O homem possui a liberdade, mas não sabe usar. A liberdade é parte constitutiva do homem, é um valor imanente. A liberdade como valor supremo é também motivo de conflito e guerra e pode acarretar a perda total da liberdade. O homem entre perda total da liberdade, ou seja, a própria morte, e a limitação da liberdade, optam pela segunda condição, pois a vida é o valor maior que o homem possui. WOLLMANN (1994, p. 79), afirma, que: “Entre a liberdade absoluta, que é acompanhada pela insegurança e o medo da morte, a razão sugere a segurança, a defesa da vida, porém, a limitação da própria liberdade”. Quando o homem firma o contrato social, ele renuncia ao direito natural, o direito a liberdade incondicional. No direito natural o meio contradiz ao fim. O meio é fazer tudo o que julga conveniente, mas contradiz o fim, que é a preservação da vida. A instauração do Estado civil, dando poder ao soberano, a fim de preservar a segurança, priva o homem da liberdade, do direito natural, para proteger a vida. A defesa da vida é o objetivo do soberano, e se esse não realizar tal objetivo o súdito não lhe deve obediência, pois assim, o súdito não tem razão para obedecer. A vida está acima da liberdade, e a capacidade da vontade livre deve servir para proteger a vida. Por outra via, a liberdade para John Locke (1632- 1704) é abordada partindo do princípio de que o fim de toda ação humana é a felicidade. LOCKE citado por NODARI (1999, p. 72), afirma: “A felicidade é o destino de cada homem e todos procuram buscá-la [...] quem não reflete sobre sua felicidade não faz o uso devido do seu entendimento, e não

realiza-se como ser livre para a felicidade”. Ele estabelece uma relação entre felicidade e liberdade, sustentando que a liberdade conduz para felicidade. O bom uso da liberdade conduz a felicidade perfeita, a felicidade que para Locke, consiste em ter aquelas coisas que produzem maior prazer. Portanto, quanto maior é o empenho para buscar essa felicidade, mais livre o homem se tornará. Ser homem livre é ter o poder de pensar e mover-se de acordo com a própria mente ou preferência. LOCKE, mencionado por NODARI (1999, p. 75), ressalta: “O homem é livre, quando ele pode, pela direção ou escolha da sua mente, preferir a existência ou não de certa ação [...] a liberdade consiste precisamente na potência de sermos aptos para atuar ou não atuar conforme nossa escolha [...] por isso, ser livre significa ser capaz de atuar de acordo com a própria vontade”. Na concepção de Locke a felicidade verdadeira é o fundamento da liberdade, e o fim da liberdade é poder alcançar o bem que se elege.

Por todo o exposto supra, percebe-se que o pano de fundo do pensamento não é mais viver conforme determina ou até onde permite Deus, mas conforme os próprios limites. Isso, claro, traz consigo riscos, como já apontado. Por outro lado, traz garantias, permitindo que pontos de vistas diversos possam ser defendidos. Foi o que ocorreu na Reforma Protestante, no Século XVI. Agora não se tinha mais uma única instituição religiosa cristã detentora de todo poder, mas várias igrejas, com pensamentos diferentes. Enquanto no Mundo Medieval, as classes sociais eram definidas quase que sem possibilidade nenhuma de modificação, pois ou se era senhor, ou servo, ou clérigo. Não havia muito espaço para mudanças, no Período Moderno, a liberdade de pensamento também atinge a economia, visto que a liberdade de pensar traz inovações, que podem ser consumidas, gerando riquezas para quem a pensou.

2.3. A MOBILIDADE SOCIAL E A IDADE MODERNA

No Séc. XV, a tomada de Constantinopla pelos turcos-otomanos findou a Idade Média. Esta perda já demonstra que a sociedade medieval não estava mais tão sólida como um dia já teria sido. Constantinopla ficava localizada onde atualmente é Istambul, na Turquia. Era a cidade mais desenvolvida durante a Idade Média, e, estratégica para expansão do cristianismo. Assim sendo, esta conquista da cidade pelos turcos-otomanos, que eram muçulmanos, mostra um enfraquecimento do modelo de cristianismo que se tinha a época, o catolicismo romano. Este enfraquecimento se deu num período em que já se estava lutando por liberdades, ante aos detentores do poder daquele tempo.

Pouquíssimo tempo depois, já no Séc. XVI, ascendeu também a figura de Martin Lutero, mais lembrado nome da Reforma Protestante e tradutor da Bíblia para o alemão. Versão esta que ficou bem conhecida e até hoje é lembrada como sendo a grande facilitadora de contato da população local com a Bíblia, facilitando o acesso ao texto e inevitavelmente, diminuído o poder daqueles pouquíssimos que detinham o acesso ao Texto. É bem verdade que os pré reformadores já lutavam há séculos pela liberdade religiosa e que também houve tradução anterior a de Lutero, com Wycliffe, no Século XIV, que será tratado em momento oportuno. Todavia a partir de Lutero que estes conhecimentos, bem como a busca por liberdade religiosa se fortaleceu, parte, inclusive, devido a este período de mudanças que a Europa estava vivendo a partir do Século XV. Contudo, a Reforma Protestante não buscou apenas a liberdade para se cultuar, mas para se viver visão do cristianismo diversa do catolicismo medieval. Dentre as várias modificações que a Reforma Protestante gerou na sociedade, a priori europeia, mas com o seu avançar, não mais apenas europeia, mas ocidental e, até mundial, até os dias atuais.

Como já se sabe, a mobilidade social durante a Idade Média era quase inexistente. Agora, com a Reforma Protestante, aplicando princípios bíblicos de liberdade também na seara da economia, foi inevitável a grande ampliação da mobilidade social. Com mais liberdade de pensamento e agora com o acesso a Bíblia em alemão, graças a tradução de Lutero, segui-la se tornou mais simples. O livro de Provérbios tem o assunto finanças como o mais abordado em suas linhas.

Para demonstrar a veracidade do supraapontado, como diz Provérbios 10:4, “O que trabalha com mais displicente empobrece, mas a mão dos diligentes enriquece”; Ou ainda como afirma Provérbios 14:23, “Em todo trabalho há proveito, mas ficar só em palavras leva à pobreza”; Pontuo ainda Provérbios 28:22, que assim diz “O invejoso é ávido por riquezas, e não percebe que a pobreza o aguarda”. Esses são apenas alguns dentre os vários exemplos que se tem de ensinamentos sobre finanças na Bíblia Sagrada, e especificamente em Provérbios.

Os dicionários definem a palavra provérbio como “frase curta que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral”. Sem dúvidas, o nome do livro de Provérbios foi muito bem colocado, já que ele se propõe a fazer justamente isso em seu texto. São frases curtas que trazem um ensinamento. Desse modo, a aplicação desses ensinamentos fica muito didática. Ocorreu que, os comerciantes, a partir desse conhecimento, tiveram maior projeção. Eles já estavam avançando financeiramente, mas a antiga divisão da sociedade medieval os impedia de ir além. Poderiam até concentrar renda, mas não tinham status social. Agora, com o modelo societário medieval indo às ruínas e também com a exposição aos princípios bíblicos, que passaram a ser de acesso mais fácil, grandes mudanças sociais foram inevitáveis. Numa sociedade com mais liberdade, sem dúvidas há mais modificações sociais. Quem mais pensa, quem mais gera mudanças, quem mais inova, passa a ser mais remunerado e este ciclo se repete. A aplicação de princípios bíblicos sem dúvidas, é determinante neste sentido. Provérbios 30:25 diz que “As formigas, criaturas de pouca força, contudo armazenam sua comida no verão”, ensinando o leitor a não gastar tudo o que ganha, ajuntando para o futuro. Já Provérbios 14:29 diz “O homem paciente dá prova de grande entendimento, mas o precipitado revela insensatez”. Isso ensina ao leitor a aguardar o momento certo das boas oportunidades ao invés de aceitar qualquer uma que surge. É muito comum as pessoas quererem parecer que estão bem, comprando bens caros que terão dificuldade de pagar. Mas a Palavra ensina que este não é o melhor caminho. É mais inteligente ser paciente. Aguardar o tempo. Comprar itens que não se pode pagar é ser precipitado, insensato.

2.4. A BÍBLIA E O PENSAMENTO DA REFORMA PROTESTANTE

Com a confusão entre entidade religiosa majoritária e o Estado, que ocorria na Idade Média, era inevitável a influência mútua entre os pensamentos político e religioso. Se tais searas do conhecimento já interferem uma na outra naturalmente, numa concepção em que ambos se misturam e, por vezes parecem ser até apenas um, isso ocorria com uma intensidade muito grande. No entanto, Deus sempre foi ativo na história da humanidade e mesmo durante a conhecida falta de liberdade religiosa da Idade Média, Deus preservou o espiritual de muitos, entre eles clérigos. A partir do Séc. XIV, muitos líderes religiosos começaram a questionar os até então inquestionáveis pilares da religião e da sociedade medieval. As divergências entre as condutas do clero e as orientações bíblicas incomodavam muito alguns que queriam voltar a autoridade bíblica. Nomes como John Wycliffe (1325-1384) e João Huss (1372-1415) começaram a ascender naquele período.

John Wycliffe era um sacerdote da Inglaterra e professor na Universidade de Oxford. Protestou contra as irregularidades do clero, ensinamentos sobre a transubstanciação na Santa Ceia, do purgatório, do celibato, das indulgências, das relíquias sagradas. Wycliffe foi bastante perseguido por suas ideias, mas acabou morrendo em função de doença. Mesmo após sua morte, foi condenado como herege no Concílio de Constança. Desse modo, teve seus restos mortais exumados e queimados, para que recebesse a sentença, mesmo após sua morte. Porém, esta atitude não conseguiu parar a força de suas ideias. John Wycliffe, sem dúvidas, deixou seu legado. Wycliffe trabalhou na primeira tradução da Bíblia para a língua inglesa. Esta ficou conhecida como Bíblia de Wycliffe. Esta tradução das Escrituras Sagradas teve sua primeira edição publicada em 1382 e a segunda em 1385, por João Purvey, assistente de John Wycliffe. Esta tradução tem relevância imensurável, inclusive, para além das fronteiras da Inglaterra. Por exemplo, a partir daí a ideia de tradução da Bíblia torna-se mais real, inclusive tendo essas ideias influenciado Lutero para fazer sua tradução para o alemão.

Outro pré reformador importante foi John Huss. Sobre ele, John Foxe, em seu Livro dos Mártires, do Século XVI, assim escreveu: “Se ele fosse profético, deve ter se referido a Martinho Lutero, que surgiu cerca de cem anos depois”.

Huss era um sacerdote da região da Boêmia, professor da Universidade de

Praga. Sofreu influência dos pensamentos de John Wycliffe. Defendeu que a cabeça da Igreja é Cristo, e não o Papa, e pregava que essa Igreja deveria ser mais e mais semelhante à Cristo. Para ele, a Bíblia possui autoridade suprema, acima de tudo e todos. Huss também criticou a venda de indulgências, a riqueza da igreja, a comunhão restrita ao clero. Para Huss, os irmãos deveriam participar da Santa Ceia. Esta luta de Huss para que os irmãos leigos também participassem do pão e do vinho fez com que, após sua morte, tendo essas pessoas se defendido militarmente, usassem em seu brasão um cálice e um pão. Huss foi condenado e sentenciado a fogueira, onde morreu cantando salmos. O centro de seu pensamento era a Bíblia. Para ele, a Bíblia era detentora de total autoridade.

O pensamento dos Pré-Reformadores, pautado na Palavra, formaram a base para os Reformadores. Esses surgiram no Séc. XIV. Nomes como Calvino, Lutero e tantos outros. Sabe-se que os Reformadores racharam com a Igreja Católica Apostólica Romana, entretanto, pouco se aborda sobre o desejo deles de mudar a Igreja que eles já tinham. Não se tinha o desejo primariamente de criar uma nova instituição religiosa, mas apenas de realinhar a que eles já tinham à Bíblia. Pelos argumentos já expostos quando se tratou brevemente sobre alguns pré reformadores, tem-se o conhecimento de que a Igreja Católica Apostólica Romana estava, em vários pontos, distante do que diz a Bíblia. Enquanto a Bíblia expunha que a salvação é pela fé, a instituição religiosa predominante do período vendia terrenos no céu. Nesse sentido, Martin Lutero, verificou em Romanos 1:16 e 17 que o “justo vive pela fé”. Indo de encontro ao que afirma este texto, a Igreja, como já dito, vendia terrenos no céu. Propôs Lutero que a salvação não poderia ser alcançada por boas obras, mas pela graça de Deus. As boas obras acompanham os cristãos, mas não são a premissa primordial para a salvação. Além disso, defendia que a salvação era apenas pela fé em Jesus Cristo, o que é gratuito. Defendia também que não era o papa que era infalível, mas sim a Bíblia Sagrada. “A Reforma deu origem a cinco pilares basilares do protestantismo, os ditos cinco “solos” (somente): Sola Scriptura (Somente a Bíblia e toda a Bíblia); Solus Christus (Somente Cristo); Sola Gratia (Somente a Graça); Sola Fide (Somente a Fé); Soli Deo Gloria (Somente a Deus Glória).”

Este desejo de reestruturar a fé cristã, foi a tônica da Reforma Protestante, que tentava trazer o cristianismo de volta para suas bases, como a própria Bíblia

diz, que Jesus Cristo é o único fundamento da fé cristã, não o que o papa determine, como segue:

“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.” (Efésios 2:20-22)

A Reforma Protestante, então, deu origem aos chamados “cinco solas”: Sola Scriptura (Somente a Bíblia e toda a Bíblia); Solus Christus (Somente Cristo); Sola Gratia (Somente a Graça); Sola Fide (Somente a Fé); Soli Deo Gloria (Somente a Deus Glória). Entendiam os reformadores que: “Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est”, ou seja, “Igreja reformada, sempre se reformando”. Para os reformadores, não era necessário haver uma mudança naquele momento, mas a crença dos irmãos deveria estar em constante reforma, aperfeiçoamento, em busca sempre de realinhar com a Palavra de Deus. Esses pensamentos trazidos pela Reforma Protestante foram tão impactantes que geraram efeitos na sociedade daquele período e continuam gerando até a atualidade.

2.5. A REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO CRISTÃO ATUAL

Devido a esses pensamentos da Reforma Protestante, em que se tentava realinhar a fé cristã à Bíblia Sagrada, confrontando o pensamento dominante que permeou até o fim da Idade Média, muitos reformadores pagaram com a própria vida. São os chamados mártires. Por mais que eles não tenham conseguido gerar todas as mudanças que desejavam na Igreja Católica Apostólica Romana, graças a seus esforços surgiu o chamado protestantismo em suas mais variadas denominações. Afirma o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que, anualmente, são abertas aproximadamente 14.000 igrejas no Brasil. Num universo tão numeroso, é sabido que nem todas serão tão fieis ao Texto Sagrado, havendo as mais variadas interpretações. Diante de tal realidade, ganha bastante importância a máxima “Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est”. É necessário estar em constante reforma. É necessário estar constantemente realinhando. Na atualidade, passar os pensamentos das variadas instituições

religiosas e suas ministrações pelo crivo da Palavra de Deus é de suma importância. Caso a análise não seja feita ou seja feita erroneamente, haverá, sem dúvidas, adesão a ideias que divergem das Sagradas Escrituras. São as chamadas heresias.

Este é um dos desafios dos cristãos contemporâneos. Mas não apenas deles, pois a Bíblia já demonstra que existiam doutrinas heréticas desde o Séc. I. O livro I João, que se encontra na Bíblia, é um exemplo disso. Nesse texto, João combate o docetismo, que bem resumidamente, cria que Jesus não tinha vindo em carne, mas apenas em espírito. Para os docetistas, o espírito era bom e a carne má. Jesus é bom. Sendo Jesus bom, não poderia ter vindo em carne, pois esta é má, mas poderia em espírito, pois este é bom. Essa heresia era tão problemática a ponto de ser completamente contrária a base do cristianismo. Como dizia Paulo, “e, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” 1 Coríntios 15:14. Negar a vida, morte e ressurreição de Cristo é negar o próprio evangelho. Assim, sabe-se que tais problemas, de ensinamentos divergentes dos das Escrituras, não são novidade. Entretanto, é importante se verificar divergências nos atuais ensinamentos das igrejas e crenças dos irmãos com o que diz a Bíblia Sagrada. Para os cristãos, a Bíblia é inerrante. Então ela deve ser o ponto de partida, não o pensamento dos irmãos, que, assim como eles mesmos, são passíveis de equívocos.

Desde a abertura de pensamento e de crença que a Reforma Protestante gerou, vários movimentos protestantes passaram a existir. Até o Século XIX, o chamado protestantismo histórico; nas duas primeiras décadas do Século XX, o pentecostalismo, movimento que alcançou e alcança muitas pessoas das classes sociais mais baixas; A partir da década de 1970, surgem as igrejas neopentecostais, com a chamada teologia da prosperidade. Cada movimento desses tem relação com o período histórico em que surgiram. Chegando à terceira década do Século XXI, os cristãos se deparam com vários seguimentos de cristianismo à sua frente, bem como com seu período histórico, o pós modernismo, que abandona a ideia de verdade absoluta.

Para o cristianismo, há sim uma verdade absoluta que, diferentemente do pensamento de cada período histórico, que, por mais que influencie os posteriores, são dominantes no seu, a Bíblia é atemporal. Desse modo, a mesma Bíblia que

estava correta no Século I, deve ser vista pelos cristãos como verdade absoluta no Século XXI ou nos posteriores. Se for vista de maneira diversa, fere princípio do cristianismo. Isso não elimina a individualidade dos crentes, mas traz limites para ele. Isso não exclui o pensamento do cristão, mas traz segurança para ele. Conhecendo as Escrituras, o seguidor de Cristo passa a saber se o pensamento e as atitudes que tem tomado estão de acordo com o cristianismo ou não. Pecado vem do latim “peccatum”, que significa tropeçar, dar um passo em falso, enganar-se. Se não existir o correto, não há o que se falar em errar, em se enganar. Uma coisa é premissa da outra. Só existe o erro se existir o acerto.

As variadas ideias, que chegam a partir do desenrolar do tempo, bem como com as correntes do cristianismo, já apontados, trazem diferenças não só em pontos da crença, mas variações culturais dentro da própria cristandade (grupo dos cristãos do mundo inteiro, em suas mais variadas ramificações). Se verifica igrejas onde os irmãos não usam determinadas peças de roupas ou cortes de cabelo, não consomem determinados tipos de bebidas ou alimentos, ou ainda consomem um tipo determinado em uma festa específica do ano. Estilos musicais também geram divergências, decorações e luzes de templos entre outros.

O indivíduo até pode ter suas preferências. Mas é importante saber como a Palavra determina ou até se determina alguns pontos. Por outro lado, é muito comum se verificar cristãos sendo acusados de não serem abertos a novidades culturais. Isso não é de toda verdade. Cristianismo não significa contrário a mudanças, mas passar as novas perspectivas pelo filtro da Bíblia Sagrada. Como já dito, as ideias mudam com o passar dos anos. O que parece ser bom hoje pode ser visto como ultrapassado posteriormente e outras coisas até voltam. Um exemplo disso é a expressão “retrato”. No Século XX era um termo muito comum para se referir a fotografia. No início do Século XXI passou a ser considerado retrógrado pelos mais jovens e mais próximo aos dias atuais, uma função das câmeras fotográficas é o retrato. Logo, um único termo deixou de ser usual, mudou o sentido e voltou a uso. Isso demonstra como significados mudam com o passar dos tempos. Usar bermuda é pecado? E no templo? Se o cristão responde a essas perguntas com base na cultura de sua igreja local, cristãos de denominações diferentes darão respostas diferentes. Mas o pecado não é “tropeçar”? Se dois cristãos julgam uma mesma atitude, um como sendo pecado e o outro não, um dos

deles inevitavelmente está tropeçando no entendimento da Bíblia. Isso é de suma importância, pois os questionamentos podem ser os mais variados. Há inclusive, igrejas ditas como detentoras de doutrinas mais ou menos rígidas. Mas é o homem quem define a rigidez da doutrina? Se for o homem, isso não fere a soberania das Escrituras? E qual a garantia dos cristãos de que estão seguindo o Evangelho corretamente, se seu vizinho ou parente, também cristão, entende que a mesma atitude é ou deixa de ser pecado? Um dos dois estará errado e não pode ser o pensamento de cada um quem define isso.

Tais discussões são frutos não só do lapso temporal entre a atualidade e o Século I, quando o Cânon Bíblico (conjunto de todos os livros da Bíblia Sagrada) foi fechado, também à grande tentativa de realinhar o cristianismo às Escrituras, na Reforma Protestante. A Reforma data de 1517, ou seja, mais de 500(quinhetos) anos de distância para a atualidade. Atualmente, a maioria dos cristãos protestantes nem sabem mais porque recebem o nome de “protestantes”. Muitos nem conhecem esta expressão, sendo mais falada atualmente a de “evangélicos”. O protestantismo não recebe este nome em vão. Surgiu da Reforma Protestante, onde vários de seus líderes foram mortos como mártires. Mas mesmo muitos cristãos sendo mortos por quererem viver o Evangelho genuíno, o movimento continuou. Eles protestaram contra a visão majoritária de cristianismo daquele tempo, que em muito já se afastava da Bíblia. O episódio mais conhecido, sem dúvidas, foi o de Martinho Lutero pregando as suas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, na Alemanha. A Reforma deu vários frutos, como a popularização do acesso à Palavra, posteriormente até para os que seguiram no catolicismo romano, os cultos que passaram a ser em língua local e, posteriormente, até as missas entre outros. Mas isso custou o preço do martírio de vários cristãos. Ou seja, o preço da Reforma Protestante foi altíssimo, mas seus benefícios também. Voltando a atualidade, o cristianismo, e principalmente, o protestantismo, visto que esta obra trata de efeitos da Reforma Protestante, necessita voltar às Escrituras. Afinal “Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est”, ou seja, “Igreja reformada, sempre se reformando”. Esta questão de saber se está seguindo a Bíblia nos mais variados pontos não é novidade para o cristianismo. Isso ocorreu no Século I, como já apontado, e exemplificado (livro de 1 João), no fim da Idade Média e parece sempre ocorrer. No Século XIX, por exemplo, Max Weber, jurista e economista

alemão (1864-1920), falava sobre o assunto no campo da economia. Isso demonstra que a cosmovisão cristã trata dos mais variados temas e é necessário o cristão entender o cristianismo ou será fadado a vivê-lo com pensamentos próprios, sendo passível de equívocos, em detrimento a perfeição bíblica. Para os cristãos, a verdade transcende a barreira do tempo. Afinal, a Verdade, para esses, é o próprio Cristo, como Ele mesmo expôs e que foi registrado em João 14:6, que diz “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim.”

3. CONCLUSÃO

Em tese, a presente obra trouxe a tona os conflitos que haviam na sociedade medieval, bem como o pensamento de cristãos pautados na Bíblia, dentro de outro universo de pensamento da instituição predominantemente cristã de sua época. Os conflitos entre tais ideias, os desafios que os chamados reformadores enfrentaram neste contexto e suas conquistas imediatas. Começa a ruir, então, ideias como vendas de indulgências e igreja e estado absolutistas.

Aproximadamente 500 anos após o ocorrido, os cristãos precisam novamente olhar para si. 500 anos mais maduro, espera-se que viva sua crença à luz da Bíblia Sagrada. O que os reformadores passaram? Como viveram em sua época? O que isso gerou? Perguntas como essas devem pautar as reflexões dos cristãos atuais, sempre à luz das Escrituras.

Essas questões devem ser tratadas como importantes para se evitar desvios do que de fato é o Evangelho. O cristianismo entende que o Evangelho é perfeito, os cristãos, não. Só assim é possível saber a direção que as mais variadas congregações cristãs devem seguir, no Século XXI e nos posteriores, sem se afastar da cosmovisão cristã, fundamentada na Bíblia Sagrada, que é atemporal e que é o que de fato é o cristianismo.

4. REFERÊNCIAS

JUNIOR, Hilário Franco. A Idade Média: nascimento do Ocidente

Le Goff, Jacques, A civilização do ocidente medieval

Sítio <https://estiloadoracao.com/quem-foram-os-pre-reformadores/>

Sítio [https://www.unicesumar.edu.br/blog/reforma-protestante-e-teologia/#:~:text=A%20Reforma%20deu%20origem%20a,\(Somente%20a%20Deus%20GI%C3%B3ria\)](https://www.unicesumar.edu.br/blog/reforma-protestante-e-teologia/#:~:text=A%20Reforma%20deu%20origem%20a,(Somente%20a%20Deus%20GI%C3%B3ria))

Sítio <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>

Sítio <https://www.youtube.com/watch?v=n8-TLAtufXI>

Sítio <https://perguntaspopulares.com/library/artigo/read/205589-quantas-igrejas-cristas-existem-no-brasil>

Sítio https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Livro_dos_M%C3%A1rtires#:~:text=Narra%20as%20hist%C3%B3rias%20de%20reformadores,pelos%20pag%C3%A3os%20e%20pela%20Inquisi%C3%A7%C3%A3o.

Foxe, John. O livro dos Mártires